

A RESSIGNIFICAÇÃO RELIGIOSA DE HOMO E TRANSEXUAIS CRISTÃOS FRENTE À HETERONORMATIVIDADE DE SUAS RELIGIÕES

Eloísa Cristina Garcia *

Camila Campos Marçal da Cruz **

RESUMO

Essa pesquisa objetivou compreender como homo e transexuais cristãos da cidade de Sete Lagoas/MG, ressignificaram a forma de viver a religiosidade diante da heteronormatividade de suas religiões. Buscou-se por meio de uma pesquisa de campo, qualitativa, bibliográfica, com abordagem fenomenológica, responder como as religiões cristãs tradicionais abordam a homossexualidade e a transexualidade; a influência do credo religioso na vivência da sexualidade e os possíveis conflitos que este pode gerar; visando entender quais as possibilidades de ressignificação encontradas por homo e transexuais cristãos diante da não aceitação da sua condição de ser por sua religião. O Brasil é o país que mais mata LGBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgênero) no mundo, segundo pesquisa realizada pela Rede TransBrasil e pelo Grupo Gay da Bahia em 2016. No Brasil, de acordo com o último Censo do IBGE 2010, 86% dos brasileiros se consideram cristãos. Estudos também apontam que pessoas do grupo LGBT, estão entre àqueles de maior vulnerabilidade ao suicídio. O presente estudo se justifica pela importância do tema, na medida em que a psicologia se propõe a amparar o ser em sua integralidade, a despeito de em sua práxis ainda prevalecer o viés heterossexista nas pesquisas e práticas psicológicas. As entrevistas confirmaram o exposto pelas pesquisas bibliográficas, apontando que o olhar do outro influencia na construção da subjetividade e na forma como o ser se percebe. Assim, o ser humano, como ser relacional, necessita da confirmação do seu *modo de ser* por um outro, para validação da sua existência.

Palavras-chave: Ressignificação Religiosa. Cristianismo. Homossexualidade. Transexualidade.

ABSTRACT

This research aimed to understand how homo and transsexual Christians of the city of Sete Lagoas/MG ressignified the way of living religiousness in the heteronormativity of their religions. It was sought through a qualitative, bibliographic field research with a phenomenological approach, to answer in what way the traditional Christian religions approach homosexuality and transsexuality; the influence of the religious creed on the experience of sexuality and the possible conflicts that it can generate; in order to understand the possibilities of ressignification found by homo and transsexual Christians before the non-acceptance of their condition to be by their religion. Brazil is the country that kills most LGBT (Gay, Lesbian, Bisexual, Transsexual and Transgender) in the world, according to research conducted by TransBrasil Network and Gay Group of Bahia in 2016. The Brazil, according to the last IBGE Census 2010, 86% of Brazilians consider themselves Christians. Studies also point out that people of the LGBT group are among those with greater vulnerability to suicide. The present study is justified by the importance of the theme insofar as psychology proposes to support the being in its integrality, although in practice it is still perceived the heterosexist bias that prevails in the psychological researches and practices. The interviews confirmed what was presented by bibliographic research, pointing out that the gaze of the other influences the construction of subjectivity and the way the being perceives itself. Thus, the human being, as a relational being, needs the confirmation and the gaze of the other to validate its existence.

Keywords: Religious Resignification. Christianity. Homosexuality. Transsexuality.

*Graduanda em Psicologia na FCV-Faculdade Ciências da Vida. E-mail: elogarcia.pm@gmail.com

**Psicóloga, Mestra em Ciências da Religião pela PUC/MG. Professora do curso de Bacharelado em Psicologia na Faculdade Ciências da Vida (FCV). E-mail: camilacamposmarcaldacruz@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é considerado a maior nação católica do mundo segundo o último censo realizado em 2010 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Neste, 86,8% dos brasileiros se declararam cristãos. Apesar de crescer o número de pessoas que se declaram de outras religiões, o cristianismo ainda impera no país. Por outro lado, o Brasil também é considerado o país que mais mata LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) no mundo. Segundo pesquisa realizada pela Rede TransBrasil e pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), em 2016 foram um total de 144 mortes por motivação homofóbica.

Estudos apontam que as pessoas pertencentes ao grupo LGBT, estão entre os grupos de maior vulnerabilidade ao suicídio. De acordo com Karina Futsumani (2017), eles são pessoas que não tem espaço para falar das suas questões pessoais e angústias. Cruzando os dados concernentes a realidade brasileira, pode-se inferir que a violência contra pessoas LGBT, ocorre também no meio religioso. Diante da diversidade sexual e religiosa existentes, as contraposições das religiões cristãs às relações não heteronormativas e a importância da religiosidade na construção subjetiva do ser, o presente trabalho, orientou-se no sentido de desvendar como ocorre o processo de resignificação religiosa dessas pessoas e de como se integram com seus credos. Com foco no cristianismo - por ser a religião predominante no Brasil - e com o intuito de auxiliar pessoas na presente situação e de provocar estudos nas diversas áreas da psicologia com vistas a aperfeiçoar a prática clínica.

A partir destas considerações, questionou-se: Quais os processos de resignificação religiosa de indivíduos homo e transexuais influenciados em sua formação pelas religiões cristãs da cidade de Sete Lagoas/MG? Objetivou-se também compreender de que forma as religiões cristãs tradicionais abordam a homossexualidade e a transexualidade; a influência do credo religioso na vivência da sexualidade e os possíveis conflitos que este pode gerar; visando, sobretudo, entender quais as possibilidades de resignificação encontradas por homo e transexuais cristãos diante da não aceitação da sua condição de ser por sua religião.

Para atingir os objetivos foi adotada uma pesquisa exploratória, partindo de hipóteses levantadas através de uma revisão preliminar de literatura. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica e de campo com análise qualitativa, com a aplicação de entrevistas por meio de um questionário semiestruturado. Dado a subjetividade do objeto pesquisado, foi executada uma pesquisa sob orientação fenomenológica, para compreender como ocorre o processo de resignificação religiosa dessas pessoas e de conhecê-las por elas mesmas.

Ao apresentar por meio dessa pesquisa, as vivências de homo e transexuais em relação às suas crenças religiosas e como essa resignificação pode contribuir para um maior sentido em suas vidas, espera-se que outros, ao se perceberem vivenciando o mesmo dilema, possam enxergar aqui um norte. Que se possa instigá-los na busca de sentido, pois como afirmou Frankl (1984, p.58), “ousou dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O REFLEXO DO ESPELHO: A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO SUJEITO DE ACORDO COM O EXISTENCIALISMO SARTREANO.

Em quase todos os teóricos da psicologia, o olhar do outro sempre se fez presente nas discussões acerca da constituição do sujeito. Ao nascer o sujeito é inserido em diversos grupos sociais - família, escola, igreja, trabalho - e cresce-se mirado por esses tantos olhares, que ora podem libertar, ora podem aprisionar.

Sartre (1943) recorre à noção heideggeriana de “ser-no-mundo” para conceber o sujeito. Ou seja, não há que se falar em um único ser que não pertença a um contexto sociohistórico, econômico, político, religioso e familiar. O existencialismo sartreano concebe o sujeito como um ser concreto e vinculativo, que se estabelece por meio da relação e não como algo abstrato e desassociado de objetividade (SILVA; VACCARO, 2016). De acordo com Silva e Vaccaro (2016, p.102) “o homem, desde o momento em que nasce, está em constante relação com a objetividade, com os outros, com o próprio corpo, com o tempo, etc.” Não se pode escolher a sociedade e o contexto histórico no qual se nasce, mas ainda assim é a partir destes, das condições e meios disponíveis que se constitui o ser. (SILVA; VACCARO, 2016).

Em sua obra “*O Existencialismo É um Humanismo*” Sartre (1987) defende que, diferente das demais coisas - que primeiramente são projetadas para só depois virem a tomar forma e existir - o sujeito primeiro existe, sua essência só ganha forma a partir da sua relação com o mundo, com o outro, com seu contexto histórico, seu tempo e seu corpo. A partir do pensamento sartreano, poder-se-á compreender de que forma as vivências religiosas podem interferir na formação subjetiva do sujeito, e da importância do olhar do outro, como forma de validação do seu modo de existir.

Em sua caminhada o ser humano se depara com outros, que de igual forma estão também em processo de construção da essência, ou seja, o ser-para-outro. Ninguém se constrói isoladamente, mas na interconexão com o outro. Para Sartre (1943), o outro se coloca através do modo de me olhar, desnuda minha “alma” reduzindo-a nada, onde meu “eu” deixa de ser para dar lugar ao que esperam de mim. O outro passa a ser uma espécie de “espelho”, no qual me vejo através do seu olhar, das suas projeções, que me limitam e me definem.

2.2 SODOMA E GOMORRA: COMO AS RELIGIÕES CRISTÃS PERCEBEM A HOMO E A TRANSEXUALIDADE

A homo e a transexualidade são vistas como um comportamento pecaminoso de acordo com a interpretação literal dada às escrituras sagradas (Bíblia) pelos seguimentos dominantes cristãos. Os discursos fundamentalistas, de maneira geral, são excludentes e por isso, produtores de diversos tipos de violência. Negam aos sujeitos a possibilidade de elaborar e compreender os seus desejos e necessidades por uma reflexão mais complexa. (MARANHÃO, 2016)

Existem três passagens no Velho Testamento, que são utilizadas como embasamento para o repúdio da homossexualidade por alguns seguimentos cristãos: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação” (Lv 18.22). No mesmo livro também é encontrado a seguinte passagem: “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles” (Lv 20.13). Também é utilizada a passagem que narra a destruição das cidades Sodoma e Gomorra, encontrada em Gênesis 19. 1-29, quiçá, não ser esse o trecho mais usado como argumento cristão para a aversão à homossexualidade.

No novo testamento também são encontrados alguns trechos que são comumente usados nos discursos religiosos. Para citar um deles, segue trecho da carta aos Romanos escrita pelo apóstolo Paulo:

Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam (Rm.1.26-28).

Assim posto, o que se percebe é que há uma insistência em compreensões teológicas fundamentalistas, discursos e práticas religiosas que reforçam a compreensão do caráter pecaminoso das vivências sexuais que fujam aos padrões preconizados. Butler, (2003) declara que a heterossexualidade é posta como algo imperioso a ser defendido e postulado, enquanto toda e qualquer prática dissidente disso é desqualificada como anormal.

2.3 A MORTE DO ARCO-ÍRIS: A NÃO ACEITAÇÃO DE SI MESMO, SOFRIMENTO E SUICÍDIO.

Quando o sujeito é socializado em ambientes onde o discurso religioso preconiza a repulsa às orientações de sexualidade diversas a heterossexualidade, isso pode reverberar negativamente na constituição da sua subjetividade, pois quando ele se percebe diferente, pode levá-lo a internalizar ideias pejorativas de si mesmo, levando-o a negar, esconder ou disfarçar seus desejos e sentimentos, desenvolvendo a autorrejeição. (NATIVIDADE, 2013)

Em 2013 foi realizada uma pesquisa pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em parceria com o Centro de Amor à Vida (CA VIDA) de Maceió, com o intuito de investigar o risco de suicídio na população LGBT¹ e os resultados evidenciaram uma triste realidade: 78% dos entrevistados registraram que experimentaram a sensação de “sumir”, enquanto 49% disseram ter desejado não viver mais; 15% revelaram ter coragem de tirar a própria vida e 10% já tiveram vontade ou até mesmo tentaram tirar a própria vida (PEREIRA, 2013).

Um levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2015, mostrou que 3% dos homens homossexuais e 5% dos bissexuais já tentaram cometer suicídio no Brasil, contra 0,4% da população masculina geral brasileira. Um em cada 16 homossexuais com idades entre 16 e 24 anos tentou tirar a própria vida alguma vez, contra 1% dos homens heterossexuais da mesma idade. O sujeito homo e transexual, por vezes vive marginalizado pela sua condição de ser, tendo que conviver regularmente com experiências de exclusão, bullying, piadas depreciativas, segregações, insultos, violência, indiferença e abandono familiar. (MARANHÃO, 2015)

Segundo Frankl (1984) o indivíduo projeta na vivência da religiosidade uma forma de expressão de sua busca por sentido e isso é de uma particularidade tão impar como a própria busca por sentido, não havendo espaço para julgamentos reducionistas. O sujeito quando

¹ Participaram da pesquisa 1600 pessoas declaradas homo e bissexuais, entre 12 e 60 anos.

percebe que a vivência de sua religiosidade lhe priva de um sentido que seja compatível com sua essência, antes tenta lhe impor o sentido, ele se vê perdido, comprometendo sua existência, podendo levá-lo ao fracasso, irrealização e infelicidade. “Um homem existencialmente frustrado não conhece nada com que possa preencher aquilo que denomino seu vazio existencial”. (FRANKL, 1957, p. 69).

2.4 ALÉM DO ARCO-ÍRIS: RESSIGNIFICANDO AS VIVÊNCIAS RELIGIOSAS E ENCONTRANDO UM SENTIDO

O grupo LGBT tem ganhado força e lutado por espaço nas mais diversas áreas, inclusive nas igrejas. Existem seguimentos cristãos inclusivos que se caracterizam por harmonizar a vivência religiosa cristã e a homo e transexualidade. Segundo Natividade e Oliveira (2009) esse acolhimento por parte das igrejas inclusivas é um fator de proteção para a redução da vulnerabilidade que acomete os homossexuais: ao ser aceito pelo outro, o sujeito se permite uma autoanálise e a reelaboração de si, por meio da pedagogia da aceitação praticada pelos grupos inclusivos, com discursos e falas que justificam religiosamente a constituição das identidades LGBT, legitimando a vivência da sexualidade e mostrando a aceitação de Deus para com todos. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009).

Alguns seguimentos evangélicos dominantes propõem um “pseudoacolhimento”, com propostas de cura e libertação, visando a adequação dos fiéis gays, lésbicas e transexuais às práticas heterossexuais. Em contrapartida, os seguimentos verdadeiramente inclusivos têm um discurso de aceitação da diversidade sexual e da naturalização da homossexualidade, reforçados pela ideia de que Deus ama-os exatamente como são. Esses espaços propiciam a possibilidade de ressignificação da fé, a busca por um sentido e a aceitação de si mesmo como sendo alguém merecedor do amor de Deus. (NATIVIDADE, 2013).

Quando acolhidos em um espaço que lhes possibilita o exercício da sua verdadeira essência sem julgamentos, quando o olhar do outro é desprovido do peso da acusação, o sujeito se vê diante de possibilidades de sentido, sente supridas suas necessidades de estar em espaços religiosos podendo expressar suas identidades de gênero, bem como suas orientações sexuais, não correndo o risco de serem julgados, discriminados e terem seu modo de ser, apontado como pecaminoso e antinatural. (GELINSKI; ORNAT, 2017).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Essa pesquisa propôs compreender quais as maneiras de ressignificação encontradas por indivíduos homo e transexuais da cidade de Sete Lagoas/MG, que viveram sobre a influência das religiões cristãs em sua formação. Realizou-se uma pesquisa exploratória, que partiu de suposições levantadas em uma revisão preliminar da literatura, sendo utilizada uma visão descritiva, com o objetivo de esmiuçar o fenômeno nesse grupo. Quanto aos procedimentos técnicos foram utilizados: pesquisa bibliográfica por meio de revisão de literatura com base em artigos científicos extraídos de plataformas digitais renomadas e Revistas Eletrônicas de grandes universidades; entrevista semiestruturada com 07 participantes, realizadas no mês de outubro de 2018, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo a duração de 1 hora cada e sigilo garantido através do uso de apenas as iniciais dos nomes.

A análise e a discussão dos dados foram fundamentadas em pressupostos da abordagem fenomenológica e qualitativa. O método fenomenológico busca compreender as coisas por elas mesmas, ou seja, permitir que o sujeito se apresente tal qual ele se percebe no mundo e a sua forma de sentir as coisas. (GOTO; MORAES, 2016)

Por meio da análise fenomenológica dos dados, antecedida pela leitura do conteúdo transcrito das entrevistas gravadas e seguida pela identificação das informações que estavam de acordo com os objetivos propostos chegamos às seguintes categorias, que foram posteriormente analisadas: A família e a construção do ser; Homofobia religiosa e familiar: e o processo da culpa; Implicações psíquicas: depressão e suicídio; e Libertando-se da culpa: ressignificação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra da pesquisa foi composta por 07 participantes, residentes na cidade de Sete Lagoas-MG, 04 residem com os pais, 02 com seus cônjuges e 01 sozinho. A tabela abaixo relaciona dados dos entrevistados relevantes para a pesquisa.

Tabela 01 – Dados dos Entrevistados

					Continua
NOME	SEXO	IDADE	RELIGIÃO	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO
M.F.F	Homem CIS	26	Católico	Superior Completo	Policial Militar

Tabela 02 – Dados dos Entrevistados

					Conclusão
F.F.C.	Homem CIS	34	Católico	Superior Completo e Doutorado	PoliciaI Militar
J.P.O.	Homem CIS	35	Católico	Superior Completo	Comunicação e Marketing
E.S.F.	Mulher CIS	31	Espírita	Superior Completo	Nutricionista
B.Q.R.	Mulher CIS	22	Católica	Superior Completo	Psicóloga
N.L.F.S.	Homem TRANS ²	24	Evangélico	Superior Incompleto	Estudante
I.J.A.	Mulher TRANS	35	Católica	Ensino médio Completo	Maquiadora, cabeleireira e palestrante.

4.1 A FAMÍLIA E A CONSTRUÇÃO DO SER

A família é o primeiro grupamento social no qual somos inseridos e a partir dela construímos nossa identidade. Os valores, crenças, modos de ver e viver a vida são repassados e internalizados por gerações, todavia a família é também uma construção social que agrega significados socialmente construídos e apesar de ser vista como espaço privado no qual o sistema de valores e crenças é internalizado, carrega consigo o modelo patriarcal que é socialmente imposto e aceito como “normal”. (SILVA; FRUTUOZO, 2015)

Entre os entrevistados as relações familiares aparecem de forma semelhante, alicerçadas no modelo de família tradicional patriarcal e com grande influência religiosa, onde tudo que destoe dos preceitos estabelecidos é considerado anormal. Percebe-se também que o assunto sexualidade é pouco ou nada explorado nos lares. A sexualidade é compreendida considerando aspectos biopsicossociais, traz consigo aspectos individuais e contextualizados, impregnados em ideias e significados construídos a partir do social, e se manifesta desde a infância. (SILVA; FRUTUOZO, 2015) Ainda assim, segundo Favero (2013) falar sobre sexo

² TRANS [Transexual (transgênero)] indivíduo que se identifica com um gênero diferente daquele que corresponde ao sexo atribuído no momento do nascimento.

é tabu em nossa sociedade, logo, torna-se difícil falar sobre desejos e conflitos relativos ao âmbito sexual no espaço familiar.

No momento em que é exposto à família a homo e a transexualidade, nota-se que há uma tentativa unânime de se reverter tal situação, ou seja, “curar-se do desvio sexual”. Por meio da fé ou de violência psicológica e emocional a família tenta torná-los “normais”. Quando sem êxito alguns fingem não saber, ignorando completamente a orientação sexual dos filhos ou assumem uma postura de aparente tolerância, mas que na verdade revela um posicionamento que mantém a “não aceitação” dos mesmos, na medida em que não oferecem um espaço para que eles possam se manifestar livremente como são. Foi possível observar uma maior aceitação por parte da mãe dos entrevistados.

Eu sempre vivi nesse ambiente de violência emocional e violência psicológica e agora depois de terminar um relacionamento de 15 anos, hétero e com dois filhos e iniciar um relacionamento homoafetivo, isso gerou um problema bem maior, isso evidenciou muita coisa ruim em cada membro da minha família, fez vir à tona as trevas de cada um. (E.S.F).

[...] desde cedo meu pai tinha um distanciamento afetivo de mim e uma grande proximidade com minha irmã, eu acredito que já havia uma relação com minha orientação sexual, não sei se era uma questão de afinidade dele e tudo, mas acho que é como se nascesse alguém que não era o que ele queria. (F.F.C.)

[...] minha mãe é o alicerce da casa, então os valores são todos os que são passados na igreja, a gente tem que casar com homens, ter filhos, e ela reproduz isso o tempo todo, Deus fez o homem para a mulher e vice-versa. (B.Q.R.)

Havia uma resistência da minha mãe em tentar me convencer de que aquilo não era verdade, era coisa da minha cabeça era só uma fase e que iria passar aí eu vi minha mãe e meu pai muito tristes e comecei a me sentir culpado. (N.L.F.S.)

4.2 HOMOFOBIA FAMILIAR E RELIGIOSA E O PROCESSO DA CULPA

A família pode ter dificuldades de aceitar um filho homo ou transexual, por não atender ao ideal heterossexual hegemônico imposto pela sociedade. Não aceitação essa que muitas vezes advém de discursos religiosos que atacam e demonizam a homo e a transexualidade, não mensurando o mal que fazem às famílias que vivenciam esse dilema em seus lares, trazendo angústia, sentimento de culpa e isolamento aos sujeitos que assim se percebem, por não se aceitarem e nem atenderem às expectativas dos pais. (WISCHRAL; CECCATO, 2016).

Nas entrevistas foi evidenciado como a família imprime o sentimento de culpa no sujeito e o faz carregar a dor familiar como se fosse ele o responsável pelo sofrimento causado. A não aceitação familiar leva o indivíduo a representar papéis, a fugir da verdadeira identidade, vivendo de forma inautêntica e sem sentido, construindo um personagem, pois se torna mais fácil fugir de si mesmo a enfrentar a culpa que acredita ter pelo sofrimento daqueles que o amam. (WISCHRAL; CECCATO, 2016).

Havia um preconceito para comigo mesmo, porque minha família por ser tradicional, era tudo menino é menino, menina é menina, azul é azul, rosa é rosa, e pronto acabou, não se fala mais nisso. Foi assim que foi gerando essa culpa, essa imagem que eu não podia ser livre. (J.P.O.)

Veio uma culpa no sentido de pensar que devia haver uma forma de contornar isso, e várias vezes eu pensei que era injusto eu ter vindo assim, pois era um fator que me trazia mais sofrimento [...] meu pai chegou e falou que não aceitava isso lá em casa e que eu tinha que sair de casa. (F.F.C.)

O tempo todo, minha mãe falava isso não é coisa de Deus, não é isso que a igreja ensina, teve uma vez que estava passando uma cena na televisão, eu estava até com a minha ex., ela estava lá em casa, nós assistindo novela e passou a cena de duas mulheres daí minha mãe falou eu prefiro ver minha filha em um caixão a ver ela com outra mulher, no momento foi o dia que eu mais [...], eu morri por dentro. (B.Q.R.)

Quando um homossexual assume sua sexualidade, muitas vezes observa-se que, segundo Martos (2012), pela pressão da religião e da sociedade, procuram na vida religiosa uma espécie de refúgio, como mecanismo para se afastarem do que sentem e de como se percebem. Eles oram, jejuam, fazem promessas, correntes, campanhas, frequentam compulsivamente a igreja, buscam incessantemente se livrar do que muitos consideram apenas um comportamento. Tudo isso impulsionado por um forte sentimento de culpa, inadequação e uma homofobia internalizada e construída a partir dos dogmas religiosos.

As falas dos entrevistados revelam outra forma de culpa, aquela causada pelas crenças religiosas, que é extremamente pesada e difícil de lidar. A culpa por se apresentar neste mundo de maneira tão contrária às “leis de Deus”, como se sua forma de existir constituísse um pecado, um desvio de caráter, devendo sua essência ser suprimida dando espaço para a encarnação de um ser sem vida, mas coerente com a imagem de um “filho de Deus”. A luta contra o pecado se dá por meio da fé, acredita-se que tal condição é uma provação, uma luta, e que ao dedicar-se inteiramente à religião, conseguirá transcender o “desejo mundano”.

Eu questionava a Deus também, porque? Porque que eu nasci assim, e fica pensando o tempo inteiro, se fosse normal seria tão mais fácil, já pedi a Deus, me faz ser hétero, me faz gostar de mulher. (F.F.C.)

Eu achava que devia ter alguma coisa errada comigo, [...] mas eu nunca me senti culpada dentro da religião, mas eu culpava a religião por minha mãe não me aceitar, eu sempre achei que minha mãe não me aceitar e ela achar isso errado era culpa da religião. (B.Q.R.)

A vida inteira eu ouvi minha mãe dizendo que o sonho dela e de meu pai era ter um menino e com isso eu fui me bloqueando, pois não conseguia me sentir atraída por meninas e como sempre me atraí por meninos eu me refugiei na igreja católica para fugir da minha sexualidade [...] em dado momento eu bati o joelho no chão e falei mesmo com Deus que a vida inteira eu lutei contra isso, pedi para ele me explicar porque eu olhava para um cara e sentia desejo, porque aquilo tinha que acontecer comigo. (I.J.A.)

Existe um desespero na fala deles, uma dor imensa. E apesar deles perceberem uma relação dessa dor, com a instituição religiosa, sobretudo pela influencia dos dogmas religiosos na maneira de pensar das pessoas da sua família, a relação deles com a própria religiosidade fica ainda mais intensa, pois é exatamente para “Deus” que eles pedem ajuda.

4.3 IMPLICAÇÕES PSÍQUICAS: DEPRESSÃO E SUICÍDIO

Pesquisas recentes sugerem que indivíduos homo e transexuais são mais vulneráveis a transtornos depressivos, abuso e dependência de substâncias psicoativas, ansiedade generalizada e automutilação, quando comparados a indivíduos de orientação heterossexual cisgênero. (GHORAYEB, 2014). Nas entrevistas percebe-se que a maior parte dos entrevistados recorreu ao uso de medicamentos e psicoterapia, para auxiliá-los a lidar com os sentimentos de angústia, rejeição, culpa e falta de sentido.

Para Wishral e Ceccato (2016) estar constantemente exposto a discursos de ódio e julgamentos, provoca no sujeito sentimentos de baixa autoestima, falta de sentido, tristeza e por vezes ideação suicida. Sem atinar para o peso que as palavras têm na construção subjetiva de muitos jovens, as igrejas seguem propagando em suas pregações a “condenação eterna” àqueles que destoam de seus dogmas, podendo levá-los ao isolamento e a depressão.

Eu cheguei a me deprimir por não me aceitar como eu sou, quem eu sou, quando fui para a terapia eu fui por outros motivos, mas no decorrer foram aparecendo essas questões, eu percebi que por não saber lidar eu acabei fingindo que nada acontecia. (M.F.F.)

Eu fiquei depressiva por um tempo, tive transtorno de ansiedade, tive que lançar mão de medicamentos, fiz e faço acompanhamento psicoterapêutico, e isso me

ajudou a lidar com tudo que estava acontecendo comigo e a ajudar minha família a lidar com tudo isso. (E.S.F.)

Eu tive depressão, ficava três a quatro noites sem dormir, a oitava série eu tive que repetir, pois não consegui formar, eu comecei a tomar remédio para dormir e chegava na aula e ficava dormindo na sala [...]eu comecei a pensar literalmente em suicídio. Eu lembro uma vez que eu peguei a faca de madrugada e não estava conseguindo dormir e falei assim eu não quero mais saber de viver e eu empunhava a faca em direção ao meu peito e apertava, apertava sobre a roupa e quando começava a cortar eu parava, eu ficava com medo, vai doer e eu não quero sentir dor, mais essa dor eu não quero. (N.L.F.S.)

O adoecimento mental ou sofrimento psíquico levou essas pessoas a procurarem uma ajuda externa, e esse passo foi fundamental para a saúde mental e a ressignificação religiosa dos mesmos, como veremos a seguir.

4.4 LIBERTANDO-SE DA CULPA: RESSIGNIFICAÇÃO

Ao realizar as entrevistas percebe-se que a religião tem a capacidade tanto de trazer conforto e alento, como também pode desencadear culpa, dor, sofrimento e medo, sendo que esses últimos muitas vezes associados à concepção do que é pecado, tendo forte correlação com a forma de experienciar a sexualidade. (RIBEIRO, 2016).

Voltar-se para um grupo religioso cristão envolve ressignificações de sentido e produz justificações teológicas, uma forma diferente de se perceber diante do sagrado e de se relacionar com ele. Segundo Natividade (2009) os grupos e igrejas inclusivas desempenham papéis decisivos com a “pedagogia da aceitação” onde o discurso de inclusão e aceitação da diversidade por parte de Deus, que a todos criou e os ama tal como são, imagem e semelhança do “Criador”, auxilia na reelaboração de si mesmo e na aceitação da própria sexualidade, que deixa de ser vista como abominação e passa a ser percebida como autêntica e legítima.

Eu parei para pensar nisso nas sessões com o psicólogo, ele me perguntava por que você acha que Deus te rejeita? Porque é um pecado? Porque você acha que tem um demônio com você e irá para o inferno? Então eu comecei a pensar nas várias experiências espirituais que eu tive com Deus, eu fui expulso da igreja e vários ali falavam que eu iria para o inferno, pois estava escrito na Bíblia, então eu comecei a pesquisar e entender que não era bem assim, tem várias interpretações, várias traduções e vários contextos a serem considerados. Antes eu sentia como se um demônio andasse atrás de mim, hoje eu tenho cem por cento de certeza que é Deus, nunca me sinto sozinho ou abandonado. (N.L.F.S.)

Até que um dia eu bati o joelho no chão e disse exatamente com essas palavras, eu não sou tão digna, mas a exemplo de Maria vossa mãe, eu digo ao senhor, faça em mim segundo a sua vontade, mas não permita nunca assumir aquilo que não é para mim, aquilo que não sou eu de verdade, não me deixe viver uma mentira. Já tem 13

anos que eu optei por assumir aquilo que eu era e sou muito mais feliz hoje [...] Deus hoje me percebe pela mulher que eu sou pela filha que sou. (I.J.A.)

Foi a partir dos 23 anos, com a terapia que eu comecei a amadurecer a ideia de trabalhar aquilo internamente, eu percebi que aquilo não era uma questão cem por cento resolvida, eu precisava refletir sobre algumas coisas que a terapia me fez enxergar, coisas que talvez antes eu não desse conta, meu psicólogo naquela época sempre falava, mas você não é só isso, isso é uma parte de você, mas você é muito mais que isso, não é o M. homo, o M. gay, é o M., o M. que tem as qualidades e defeitos, as características e isso aí é uma orientação, é algo até então diferente, diferente dos outros, mas é só isso, não há o que se problematizar e nem condenar. E foi assim que ressignifiquei a culpa diante dos outros e de Deus. (M.F.F.)

Foi isso que mais me encantou e me aproximou do espiritismo, porque desde criança aquela Bíblia que eu conhecia do catolicismo para mim não fazia sentido, não condizia com a imagem de Cristo [...] nós do espiritismo não entendemos que a questão da homossexualidade e da transexualidade seja como é descrito pelas outras religiões. (E.S.F.)

As entrevistas evidenciaram a importância da psicoterapia nesse processo de ressignificação e aceitação de si mesmo. Ao se sentirem acolhidos e diante de um olhar sem julgamentos, foi possível pensar de forma racional e amorosa para consigo, compreendendo o seu lugar no mundo e encontrando sentido na forma de existir e vivenciar a sexualidade em plenitude, libertando-se do peso da culpa e de sentimentos de exclusão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brasileiro por vezes se mostra preconceituoso e homofóbico, pesquisas e reações sociais e políticas revelam a forma pela qual esse preconceito é expresso. Parte do discurso homofóbico é construído dentro das igrejas cristãs, por meio de pregações e disseminado por toda a sociedade, causando angústia, medo, culpa, isolamento e por vezes suicídio nos sujeitos que se percebem homo e transexuais, causando marcas profundas que carregarão por toda a vida. (WISCHRAL, 2016).

A narrativa dos participantes evidenciou como o olhar do outro sobre eles faz toda diferença na construção da subjetividade e na forma de se relacionar com o sagrado. As interpretações bíblicas que afirmam o caráter pecaminoso da homo e transexualidade geram sentimentos de inadequação, “anormalidade”, vergonha da orientação e de sua forma de ser, culpa e a crença de que Deus os olha com os mesmos olhos de seus acusadores. Alguns dos entrevistados tiveram que recorrer à psicoterapia e ao uso de medicação psiquiátrica para lidarem com suas angústias, auxiliando-os na busca por um lugar no mundo e para aceitação de si mesmo.

As categorias levantadas na análise de resultados corroboraram com os dados levantados no referencial teórico, confirmaram as hipóteses levantadas e colaboraram na compreensão dos sujeitos. O processo de ressignificação religiosa perpassou primeiramente pela reflexão acerca de interpretações bíblicas fundamentalistas e sobre a prepotência em que esses grupos se apropriam de verdades como se fossem absolutas. Compreenderam que a relação com Deus e com o sagrado pode ser feita sem intermediação e que os próprios dogmas podem ser questionados, sem com isso, colocar em xeque a existência de Deus e o próprio relacionamento com o Sagrado. Nesse processo o papel da psicoterapia, através do relacionamento com um profissional que não faz julgamentos, mas que compreende a importância da religiosidade para aquela pessoa, foi de suma importância.

Diante de tudo que fora exposto e considerando que o Brasil é o país que mais mata a população LGBT e que essas pessoas estão mais vulneráveis a transtornos mentais e suicídio, faz-se necessário que mais pesquisas sejam realizadas com essa temática, com vistas a desconstruir velhos paradigmas e preconceitos. Só por meio do conhecimento e de uma compreensão melhor do tema poderemos desmistificar visões e propor estratégias que contribuam para que barreiras ao reconhecimento e a construção da cidadania dessas pessoas sejam transpostas.

6 REFERÊNCIAS

A Bíblia sagrada: equivalência dinâmica. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AZEVEDO, Reinaldo. **O IBGE e a religião** - cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-caticos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em 13 mai. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CECONELLO, Alexandre. M. **HISTÓRIAS TRANS-CRIADAS: cuidado de si nas formas de (re) existir.** Campinas: 2018.

CONGRESSO DE FENOMENOLOGIA DA REGIÃO CENTRO OESTE. 5, Goiânia. Anais-Pessoa e Formação a Partir de Husserl. Goiânia: Faculdade de Educação, 2013, 13 p.

FARIAS, Mariana. O. **Experiências e Vivências de Famílias Homoafetivas com Filhos: vozes de mães, pais e filhos.** 2017.

FÁVERO, Natália. **Sexualidade ainda é tabu.** Disponível em <<http://www.onacional.com.br/cultura/41089/sexualidade+ainda+e+tabu>>. Acesso em 18 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANKL, Viktor. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Norte Americana. Porto Alegre: Sulina, 1984.

FRANKL, Viktor. E.; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido: um diálogo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, Ana. E. P. **“Na Desordem Do Armário Embutido”: A Afirmação Da Identidade Como Um Sacramento.** Belo Horizonte: 2018.

GALILEU. **Brasil ainda é o país que mais assassina LGBTs no mundo.** Disponível <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/brasil-ainda-e-o-pais-que-mais-assassina-lgbts-no-mundo.html>>. Acesso em 13 mai. 2018.

GELINSKI, Adriana; ORNAT, Márcio. J. **Vivências religiosas cristãs inclusivas em Maringá e Curitiba, Paraná, e as significações das sexualidades.** Mandrágora, v.23. n. 2, p. 71-94, 2017.

GOTO, Tommy. A.; MORAES, Mak. A.B. **A concepção de fenomenologia para Edith Stein.** Revista Filosófica São Boaventura, v. 10, n. 2, jul./dez. 2016.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1970.

_____. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia.** (Coleção Textos Clássicos de Filosofia). Covilhã: LusoSofia, 2008.

_____. **Idéias Para Uma Fenomenologia Pura E Para Uma Filosofia Fenomenológica.** Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

MAHFOUD, Miguel. *et al.* **Edith Stein e a Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Belo Horizonte: Artesã, 2013.

MARANHÃO, Eduardo. M. A. **“É prá baixar o porrete!”* Notas iniciais sobre discursos punitivos / discriminatórios acerca das homossexualidades e Transgeneridades.** Revista Mandrágora, v.21 n. 21, p. 47-84, 2015

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NATIVIDADE, Marcelo T.; OLIVEIRA, Leandro. **Deus "transforma" ou Deus "aceita"?:** Dilemas de construção de identidade entre evangélicos LGBT. *O Social em Questão*, v. 20, p. 170-197, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo. T. **Homofobia religiosa e direitos LGBT:** notas de pesquisa, seminário, gênero, sexualidade e cidadania. Alagoas: Vol. 07, nº 1, pp. 33- 51, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo. T.; PEREIRA, Felipe. M.; SILVA, William. S. L. **Homoparentalidades e conjugalidades nas igrejas inclusivas:** reflexões sobre nexos entre cuidado pastoral, subjetividades e política entre fiéis LGBT. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2013, Florianópolis. Anais Eletrônicos, p. 1-5.

PODESTÁ, Lucas. L. **Os Usos Do Conceito De Transfobia E As Abordagens Das Formas Específicas De Violência Contra Pessoas Trans Por Organizações Do Movimento Trans No Brasil.** 2018.

SARTRE, Jean. P. **O Existencialismo é um Humanismo.** (Coleção os Pensadores) 3. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

_____. **O Ser e o Nada:** Ensaio de Fenomenologia Ontológica. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SBERGA, Adair. A; MASSIMI, Marina. **A formação da pessoa em Edith Stein, princípios educativos e aproximação com o Sistema Preventivo de Dom Bosco.** *Revista de Ciências da Educação, Americana: Unisal*, ano XVII nº 32, p.209-228 jan. /jun. 2015.

SILVA, Cecília. L.; VACCARO, Marina. M. **A constituição do sujeito:** uma reflexão a partir de Jean Paul Sartre. *Revista de Psicologia. Fortaleza*, v.7 n.2, p. 99-109, Jul. /Dez. 2016.